

## TRÊS BRECHTS

Walter Carlos Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Entre os grandes poetas, que souberam aliar em seus poemas um compromisso social explícito e a crafted language em seus versos, estão Vladímír Maiakóvski e Bertolt Brecht. A história da tradução destes poetas no Brasil ilustra, de maneira até didática, as duas concepções fundamentais de traduzir: a que privilegia o “conteúdo” e a que privilegia os procedimentos poéticos.

### Maiakóvski e Brecht

No caso de Maiakóvski, a diferença entre os dois enfoques básicos de seus tradutores é muito clara, já que o autor de “A Flauta-Vértebra” apresenta inovações importantes em setores tradicionais da poesia: jogos de som e sentido, métrica, imagens. As primeiras traduções brasileiras de Maiakóvski, ressaltaram o conteúdo, enquanto as traduções de Boris Schnaiderman junto com os poetas Augusto e Haroldo de Campos deram destaque aos procedimentos poéticos. Boris Schnaiderman explica o método tradutório utilizado: “tivemos a preocupação de reproduzir em português os mesmos procedimentos que Maiakóvski utilizou em russo. (...) A tradução como recriação, no caso, constitui o caminho da verdadeira fidelidade ao texto. O arrojo poético de Maiakóvski, ao lidar com recursos da língua russa, deve ser acompanhado em outra

língua, também com arrojo e violência. A tradução de modo algum pode prescindir da invenção”<sup>1</sup>.

Com Brecht as coisas são um pouco mais complicadas. Em primeiro lugar, a parte de sua obra que mais impacto teve na cultura brasileira foi o teatro. Isto não constitui mero acaso porque Brecht ocupa um lugar de destaque na dramaturgia do século XX. Sua poesia, seus ensaios, sua obra narrativa e seus diários, todos muito originais, foram relegados a um plano secundário. Ao lado de seu teatro — que praticamente monopolizou a atenção do público brasileiro — a poesia compareceu como um segundo campo de interesse.

Os primeiros tradutores do Brecht-poeta se concentraram em sua “mensagem”. Foi Haroldo de Campos — incansável buscador de formas poéticas fortes, onde quer que elas se encontrem — o primeiro a traduzir Brecht não apenas como um poeta engajado, mas como um poeta inovador.

Como de hábito, Haroldo traduziu apenas alguns momentos, os mais inventivos da poesia de Brecht, ratificando a opinião de Anatol Rosenfeld (para quem Brecht unia, no mais alto grau, os compromissos ético e estético). Estas traduções, reproduzidas, neste número de Fragmentos, surpreendem ao revelar um Brecht conciso, de retórica descarnada.

De fato, Brecht é um poeta bastante singular e ocupa, certamente, um lugar especial na poesia moderna do Ocidente. De certo modo, ele se volta contra a nova tradição inaugurada pela poesia francesa da segunda metade do século XIX, em que predominam o som (com os significados cada vez mais múltiplos e de árdua decifração) e a configuração espacial. Brecht parece ter se especializado naquilo que Roman Jakobson caracterizou como “poesia da gramática”. Grande parte da alta qualidade da poesia de Brecht provém dos jogos com os elementos gramaticais. Sua contemporaneidade parece ter sido ganha através de um sábio anacronismo: uma alquimia verbal autônoma a partir de fontes orientais antigas — a Bíblia, a literatura chinesa clássica. A grande vantagem dos meios poéticos escolhidos por Brecht está em que eles constituem uma elaboração complexa de elementos simples, o que lhe permite a veiculação de mensagens claras evitando a obviedade.

Jakobson mostrou uma paixão constante pela pesquisa destes procedimentos poéticos pouco estudados — tanto que

o terceiro volume de seus *Selected Writings* é dedicado inteiramente à "Poesia da Gramática e Gramática da Poesia". A "figura de gramática" que, segundo Jakobson "ao lado da 'figura de som', era considerada por Gerard Manley Hopkins como o princípio constitutivo do verso"<sup>2</sup> constitui, justamente, um conceito-chave para a análise microscópica a que o linguísta russo submeteu o poema "Wir Sind Sie" de Brecht<sup>3</sup>.

### Três textos

Examinando diferentes traduções de Brecht para o português, um poema me chamou particularmente a atenção. Em primeiro lugar, porque se trata de poema que me parece um dos mais sofisticados exemplos de poesia didática, na melhor acepção desta palavra. Em segundo lugar, porque existem três traduções, realizadas por Edmundo Moniz<sup>4</sup>, Paulo César Souza<sup>5</sup> e Haroldo de Campos<sup>6</sup>, que apresentam soluções diferenciadas. Trata-se do poema "Fragen eihes lesenden Arbeiters", reproduzido no final do artigo.

O poema toma sentido completo nos dois últimos versos, em que o poeta dá a "solução" final para o seu questionário. O método é indutivo e a retórica é transparente, mas a conclusão final apenas sugerida. Brecht não repete o postulado de que "as massas fazem a história". A sugestão vem através da língua coloquial: "So viele Berichte/So viele Fragen". Moniz traduz simplesmente: "Tantas histórias/Tantas perguntas" e Paulo Cesar eleva o tom, traduzindo "Tantas histórias. Tantas questões". Haroldo de Campos acerta em cheio ao arriscar com "Histórias de mais/Perguntas de menos". Como o objetivo de Brecht é precisamente o de provocar as perguntas do operário, este efeito dificilmente pode ser recriado em português com a mera transposição dos termos alemães.

O vocabulário da alta poesia de Brecht é simples. Boa parte da tradição poética mundial (e ainda mais a brasileira, com as exceções de Manuel Bandeira, em grande parte, e João Cabral de Melo Neto) foi construída com palavras de registro elevado, justamente as palavras "poéticas", que soam melhor. Em Moniz, encontramos muitas expressões e palavras cultas como "moribundos" e "gálicos" (em vez do usual "gauleses").

Em Paulo Cesar, ao contrário, há uma competente alternância entre coloquial e culto. Quanto a Haroldo de Campos, se nota uma preferência por algumas formações (o que tem sido caracterizado como seu “barroquismo”): “auri-radiosa”, “obreiro”, “multicelebrada”, “Atlantis” (em lugar do corrente “Atlântida”), “sorvem”. O tom de Brecht de Haroldo fica um pouco mais “literário” que o texto alemão, mas o efeito poético é preservado.

Todo o poema é construído com uma série contínua de enjambements. Estes enjambements ligam o essencial entre os diferentes acontecimentos sinteticamente narrados: a construção da Muralha da China, dos arcos do triunfo romanos e dos palácios é descrita como tendo sido realizada pelos mesmos sacrificados anônimos de sempre. A versão de Moniz normaliza os versos, com uma clara intenção de ser mais didática, separando bem cartesianamente uma frase de outra. Já Paulo Cesar Souza e Haroldo de Campos respeitam a linha quebrada constante do original.

Das três traduções, a de Haroldo Campos parece a mais eficiente em termos poéticos. O único reparo seria que o registro lingüístico é, em certos versos, um pouco mais elevado em português do que no original.

## Notas

- 1 Boris Schnaiderman. “Maiakóvski: evolução e unidade” in Maiakóvski — poemas, tradução de Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos, Perspectiva, São Paulo, 1982, p. 13.
- 2 “Poesia da gramática e gramática da poesia” in Lingüística. Poética. Cinema, Perspectiva, São Paulo, 1970, p. 68.
- 3 Id. pp. 127-152. É interessante comparar as traduções de Georg Bernard Sperber (literal) e do Haroldo de Campos (re-criativa) do poema, incluídas, no artigo.
- 4 Bertolt Brecht. Antologia poética. Elo, São Paulo, 1982, 2. ed., p. 31.
- 5 Brecht, Poemas (1913-1956), Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 167.
- 6 “Breve antologia de Brecht”, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, abril-junho de 1966, n. 9-10.

## 1. Fragen eines lesenden Arbeiters

Wer baute das siebentorige Theben?

In den Büchern stehen die Namen von Königen.

Haben die Könige die Felsbrocken herbeigeschleppt?

Und das mehrmals zerstörte Babylon-

Wer baute es so viele Male auf? In welchen Häusern

Des goldstrahlenden Lima wohnten die Bauleute?

Wohin gingen an dem Abend, wo die Chinesische Mauer  
fertig war

Die Maurer? Das große Rom

Ist voll von Triumphbögen. Wer errichtete sie? Über wen

Triumphierten die Cäsaren? Hatte das vielbesungene

Byzanz

Nur Paläste für seine Bewohner? Selbst in dem

sagenhaften Atlantis

Brüllten in der Nacht, wo das Meer es verschlang

Die Ersaufenden nach ihren Sklaven.

Der junge Alexander eroberte Indien.

Er allein?

Cäsar schlug die Gallier.

Hatte er nicht wenigstens einen Koch bei sich?

Philipp von Spanien weinte, als seine Flotte

Untergegangen war. Weinte sonst niemand?

Friedrich der Zweite siegte im Siebenjährigen Krieg. Wer

Siegte außer ihm?

Jede Seite ein Sieg.

Wer kochte den Siegeschmaus?

Allen zehn Jahre ein großer Mann.

Wer bezahlte die Spesen?

So viele Berichte.

So viele Fragen.

## 2. Perguntas de um operário que lê — Tradução de Haroldo de Campos:

Quem construiu Tebas, a de sete portas?  
 Nos livros, ficam os nomes dos reis.  
 Os reis arrastaram os blocos de pedra  
 Babilônia, muitas vezes destruída,  
 Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casa  
 De Lima auri-radiosa moravam os obreiros?  
 Para onde foram, na noite em que ficou pronta a Muralha  
 da China,  
 Os pedreiros? A grande Roma  
 Está cheia de arcos de triunfo. Quem os erigiu? Sobre  
 quem  
 Triunfaram os Césares? Bizâncio multicelebrada  
 Tinha apenas palácios para seus habitantes? Mesmo na  
 legendária Atlantis,  
 Na noite em que o mar a sorveu,  
 Os que se afogavam gritavam por seus escravos.  
 O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
 Ele sozinho?  
 César bateu os gauleses.  
 Não levava pelo menos um cozinheiro consigo?  
 Felipe da Espanha chorou, quando sua armada  
 Foi a pique. Ninguém mais teria chorado?  
 Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem  
 Venceu junto?  
 Por todo canto uma vitória.  
 Quem cozinhou o banquete da vitória?  
 Cada dez anos um grande homem.  
 Quem pagou as despesas?  
 Histórias de mais.  
 Perguntas de menos.

3. Perguntas de um trabalhador que lê — Tradução  
de Paulo Cesar Souza:

Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?  
E a Babilônia várias vezes destruída -  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que  
A Muralha da China ficou pronta?  
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.  
Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo  
na lendária Atlântida  
Os que se afogavam gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou.  
O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?  
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada  
Naufragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?  
Cada página uma vitória.  
Quem cozinhou o banquete?  
A cada dez anos um grande homem.  
Quem pagava a conta?  
Tantas Histórias.  
Tantas questões.

4. Perguntas de um operário que lê — Tradução  
de Edmundo Moniz

Quem construiu as portas de Tebas?  
Nos livros constam nomes de reis.  
Foram eles que carregaram as rochas?  
E Babilônia destruída mais de uma vez?  
Quem a construiu de novo?  
Quais as casas de Lima dourada  
Que abrigava os pedreiros?  
Na noite em que se terminou a muralha da China  
para onde foram os operários da construção?  
A eterna Roma está cheia de arcos do triunfo.  
Quem os construiu?  
Sobre quem triunfavam os Césares?  
Bizâncio, tão cantada, só consistia de palácios?  
Mesmo na legendária Atlântida  
os moribundos chamavam pelos seus escravos  
na noite em que o mar os engolia.  
O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Conquistou sozinho?  
César bateu os gálicos.  
Não tinha ao menos um cozinheiro consigo?  
Felipe da Espanha chorou a perda da sua Esquadra.  
Só ele chorou?  
Frederico II ganhou a guerra dos Sete Anos.  
Quem mais ganhou a guerra?  
Cada página uma vitória.  
Quem prepara os banquetes?  
De dez em dez anos um grande homem.  
Quem paga as suas despesas?  
Tantas histórias.  
Tantas perguntas.